

DOM QUIXOTE NA PENA DE GULLAR

Maria Lilia Simões de Oliveira
(PUC-Rio)

“Num lugar da Mancha, cujo nome não desejo lembrar, vivia, não faz muito tempo, um desses fidalgos...” Assim começa *O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, obra-prima de Miguel de Cervantes, publicada em 1605. Este também é o início do livro escrito, em 2002, por Ferreira Gullar, para contar a leitores do século XXI a saga do “Cavaleiro da Triste Figura”.

Ao ser convocado a apresentar o livro de Cervantes para um público-leitor em formação, Gullar assume o papel de mediador entre o clássico universal e os leitores da contemporaneidade. Sem dúvida, tarefa desafiadora para autores iniciantes, mas não para o experiente escritor maranhense, cuja obra tem recebido inúmeros prêmios ao longo de quatro décadas. Com o propósito de tornar a narrativa cervantina mais acessível, busca o original e toma a obra em espanhol como ponto de partida para sua empreitada. Gullar confessa ser um admirador da obra de Cervantes; declara, ainda, que levou o livro *Dom Quixote* para a cadeia, em 1968, quando foi preso. Tal fato, além de comprovar a imortalidade de uma narrativa que encanta leitores mundo afora por mais de 400 anos, reforça a tese que destaca a importância do leitor durante a recepção de um texto. Com base nos postulados da estética da recepção, pode-se dizer que Gullar co-participa da elaboração da obra, não só como leitor descompromissado como também no papel de leitor crítico, aquele que vai selecionar, cortar, atualizar a linguagem...Enfim, que vai vestir à nacional a obra canônica, dando-lhe uma “roupagem” moderna. Ele faz o movimento de autor-adaptador, pois transita entre o dado (a obra original-integral) e o novo (a adaptação).

O livro, publicado pela editora Revan, está constituído de 57 partes que, diferentemente do original, não receberam títulos, são apenas numeradas. Tal fato chama a atenção, visto que em Cervantes a abertura dos capítulos é feita por uma espécie de “resumo” do que será narrado nas páginas seguintes. O leitor moderno e iniciante, em geral,

tem pressa. E Gullar sabe disso. Em 221 páginas, o escritor-adaptador apresenta a essência da obra cervantina: as aventuras de Dom Quixote e de seu fiel escudeiro, Sancho Pança.

Num jogo de linguagem bastante bem-sucedido, Gullar traz à cena as principais questões apresentadas pelo escritor espanhol. A leitura, a amizade, a utopia, a essência humana e sua dialética são temas que se destacam ao longo da narrativa. Assim foi traçado o percurso de Ferreira Gullar, que assume o lugar do contador de história. Por entender que o romance se estrutura sobre o pilar cavaleiro/escudeiro, ora mantendo o estilo de Cervantes ora adotando um modo de dizer mais atual, o autor da adaptação (re)constrói os diálogos entre Dom Quixote e Sancho, principalmente. As narrativas enxertadas ao longo do romance, segundo o autor-adaptador, serviriam de “acessórios” para que os protagonistas ganhassem credibilidade. Lendo, porém, o texto integral, não parece tão simples assim. As histórias contadas nas tabernas e estalagens e partilhadas nos encontros com personagens do povo podem ser vistas como recurso discursivo para divulgar o gênero literário que circulava naquela época, levando o leitor a assumir uma atitude crítico-reflexiva.

O mérito da obra resenhada passa pela edição bem cuidada, desde a capa até as ilustrações – as mesmas do original, de Gustave Doré. Tais valores são importantes, pois devem contribuir de forma harmoniosa com o discurso literário, forjado por meio de um trabalho com a língua, produzindo efeito estético inusitado; o que Gullar, magistralmente, conseguiu.

A obra premiada e indicada para a leitura em escolas de Ensino Fundamental e Médio não objetiva simplesmente cumprir a tarefa de apresentar Dom Alonso Quixana e sua obsessão por livros de cavalaria. Gullar vai além: entra no jogo proposto por Cervantes e realiza um primoroso trabalho com a língua portuguesa, mantendo, assim, o burlesco que perpassa a narrativa cervantina; atualiza o léxico, sem, contudo, se afastar do universo lingüístico-discursivo do original.

A adaptação de Gullar não pretende substituir o texto integral. Para o leitor iniciante, todavia, a leitura de *Dom Quixote*, apresentada por este autor, é um ótimo caminho para quem deseja adentrar o universo do clássico espanhol. Tal leitura pode, ainda, promover, mais tarde, o grande encontro do leitor com um dos maiores textos do cânone ocidental: O “Engenhoso Fidalgo”, de Miguel de Cervantes.

A tradução adaptada da obra de Cervantes, realizada por Ferreira Gullar, contribui com a literatura brasileira juvenil e deve constar de acervos voltados para leitores iniciantes, pois é o próprio Dom Quixote quem nos ensina o valor da liberdade, quando diz:

A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos, que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens. (Dom Quixote, II, LVIII).

Deve, portanto, o mediador da leitura conhecer as adaptações dos clássicos universais, ter a liberdade de selecionar o texto mais adequado ao público-leitor com o qual interage, visto que dar a ler é uma das mais complexas e difíceis tarefas.

Acreditando na força dos protagonistas, por revelarem a essência humana, Gullar afirma que somos todos Quixote e Sancho.

Assim como Monteiro Lobato e outros autores-adaptadores que o antecederam, Ferreira Gullar reescreve, magistralmente, a obra de Cervantes, a fim de que ela permaneça nas dobras da memória dos homens de todos os tempos.

REFERÊNCIA

GULLAR, Ferreira. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução e adaptação da obra de Miguel de Cervantes. Rio de Janeiro: Revan, 2002, 221 páginas.